

O prazer em ensinar e aprender: a experiência da Tutoria na Interdisciplinaridade e na Transdisciplinaridade

Manolo Perez Vilches (GEPI-PUC-SP) manolovilches@uol.com.br

Ao partir de uma experiência pessoal como tutor de ensino, atuando como professor particular e orientador de estudos há mais de 26 anos, o pesquisador descreve suas experiências na tentativa de ajudar jovens e adultos a superar as barreiras da dificuldade de aprendizado e os fantasmas do fracasso escolar. A aproximação com os estudos Interdisciplinares, com a participação, desde o início dos anos 90, junto ao GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares) coordenado por Ivani Fazenda na PUC SP, contribuiu para sua legitimação como um profissional diferenciado: o professor fora da escola. A tutoria, atividade que antecede a própria existência da escola e que, em diferentes períodos da História, revelou-se eficaz na relação pedagógica entre mestres e aprendizes, é o tema central deste artigo.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Tutoria, Aulas particulares e Intuição.

Arquiteto de formação, atuando profissionalmente na área há mais de que 15 anos, iniciei minha trajetória como professor muito antes da Universidade, dada minha facilidade em explicar aquilo que outros achavam inexplicável, ou de tornar inteligível e aplicável aquilo que se mostrava obscuro. Passei de criança a aluno/professor aos doze anos e, nesse jogo de aprender ensinando, vi que a postura do arquiteto ao se deparar com uma nova obra era similar à postura do mestre frente o desafio de ensinar: deve-se refletir, intuir e “projetar” uma solução, dentre as possíveis, para atender às necessidades de cada caso.

A atividade com aulas particulares motivou o interesse pelo aprofundamento das questões relativas à Educação, principalmente no que se refere à natureza epistemológica da escola e do ensino. Desta primeira iniciativa resultou um trabalho bastante interessante¹ sobre o aprofundamento da atividade desenvolvida, de modo peculiar, pelo “professor sem vínculos”, no qual foram realçadas as possibilidades de um comprometimento, para além das instituições, entre pessoas com vontade de ensinar e pessoas com vontade de aprender, sujeitos de uma vivência ímpar, tão almejada no ambiente escolar.

A atuação do professor particular não se limita apenas a um reforço de conteúdos para problemas escolares imediatos, amplia-se num envolvimento mais profundo que permite ao professor vivenciar o ambiente acadêmico e pessoal do aluno de forma múltipla, daí o uso da expressão “Tutor de Ensino” para melhor definir esta atividade que, historicamente antecede a própria existência da escola.

De certa forma, na condição de professor paralelo, compactua-se com as dificuldades dos estudantes aprendizes, avaliam-se suas particularidades, percebem-se pontos positivos e negativos em cada uma das situações e, na maioria das vezes luta-se contra inimigos ainda obscuros.

Os estudos sobre a Interdisciplinaridade e o Mestrado em Educação, tratando do paralelo entre o ato de intuir e projetar na arquitetura e minha atuação como professor particular multidisciplinar, permitiram adentrar nas questões da superação da fragmentação do saber imposta pelo sistema

¹ A tese de mestrado “A Arquitetura dos Saberes: a Interdisciplinaridade na aula particular”, defendida junto à PUC-SP em 1993.

educacional ocidental que privilegia a separação do saber, e conseqüentemente do ser, em compartimentos quase estanques.

Ao perceber que certas posturas permitem um uso criativo e intuitivo do ato de aprender e ensinar, percebi elementos de uma prática interdisciplinar em minha atividade que encontrava pares também dentro das escolas, porém atrelados a velhas estruturas e paradigmas que, infelizmente ainda determinam o destino de todos nós.

No contato com produções de Fazenda, Ricoeur, Pineau, Gusdorf, Lenoir, Morin, Nicolescu, entre outros, foram descobertas relações estreitas entre os conceitos e vivências da Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade. Muitos já trataram sobre as características que aproximam e, ao mesmo tempo, diferenciam os dois conceitos mas, minha atuação profissional permite uma nova visão num desafio permanente, levando-me a perceber as possibilidades de um resgate pela busca do universal como solução para tantos alunos infelizes e com potencialidades abandonadas.

O resgate da felicidade do aprender e do ensinar só pode ser obtido numa dimensão que passa pela experiência interdisciplinar e pela postura transdisciplinar; nesse momento nos percebemos capazes de entender a disciplinaridade como um caminho metodológico pouco feliz, proposto com base nos moldes de passado, numa visão embasada por um pensamento positivista muito radical.

O modelo de tutoria que identifico em minha atividade e também na atividade de outros companheiros, valoriza o resgate da unicidade do ser enquanto elemento curioso, intuitivo, criativo e potente em sua missão máxima: o viver.

Se, num primeiro momento, durante a elaboração de minha dissertação de mestrado, ficaram estabelecidas as potencialidades dessa atividade, outras questões ainda não se definiram, sobretudo no que se refere à estrutura escolar em seus diferentes níveis e sua aparente intransigência em contagiar-se por um novo paradigma.

Ano após ano, as mesmas situações se repetem. São os problemas com a avaliação escolar, os medos e a insegurança dos pais, o fracasso escolar como verdadeiro fantasma, a diferença de linguagem entre professores, orientadores e alunos e uma nova constatação ainda mais preocupante: a redução do compromisso com o saber.

A experiência, o conhecimento e a capacidade de lidar com o inesperado embasaram a reflexão sobre a caracterização da postura interdisciplinar que se manifestava na figura do professor particular, verdadeiro tutor e orientador das questões do saber, do ser, na intenção de despertar em seu aprendiz a vontade de conhecer e atuar, um ser para o mundo, e não apenas para a escola.

Mas como transformar a prática do tutor em algo além, algo transformador e que possa ser interpretado por outros agentes pedagógicos se a escola, maior estrutura social ligada ao saber, seja ela pública ou privada, ainda perpetua a fragmentação do conhecimento, se reproduz um sistema de castas que manipula a informação apenas como bem e não como meio?

É neste contexto que, passados alguns anos, retorno à Universidade, da qual não me distanciei pela participação ativa junto ao GEPI, na intenção de realizar minha pesquisa de doutorado aprofundando meus estudos nas potencialidades do ensino individualizado.

Embora muitas instituições e profissionais da área da Educação tenham maior liberdade na definição de novos currículos e gozem de postura respaldada por pesquisas diversas, o que se vê é uma estrutura do ensino, de modo generalizado, que ainda divide o conhecimento em compartimentos estanques, privilegia a exposição de idéias ao invés da troca, e ignora a realidade e a vida cotidiana do jovem que chega, após anos de estudo, cada vez mais despreparado à Universidade.

Construir um novo currículo para a o Ensino Médio, Fundamental ou Superior é desafio que sempre envolveu muitas variáveis e, em tempos onde se discute o fim dos vestibulares, o estabelecimento de quotas e outras possibilidades, todos os sujeitos da atividade pedagógica devem estar de prontidão para não se perderem entre a teorização e a prática.

A possibilidade de uma ação diferenciada por parte dos educadores pode passar pelo estímulo de uma prática diferenciada, na qual o professor, no máximo de sua especificidade, coloque-se de modo intuitivo na posição de professor/aluno e saiba retirar e acrescentar conhecimentos e experiências dignas de um ser sem rótulos de uma prática tão rica.

É interessante discutir de que modo a Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade, cada uma a partir de sua origem, são capazes de permitir tal possibilidade, levando a uma formação de um aluno mais intuitivo, mais livre, mais comprometido com o conhecimento, e que inclusive perceba a Universidade como possibilidade do todo e não da parte, reduzindo os temores e preconceções típicos sobre carreiras e aptidões.

Quais as características da ação pedagógica do Tutor de Ensino numa postura Interdisciplinar para que essa atividade individualizada seja capaz de driblar dificuldades com as quais a escola não consegue lidar?

Creio que essa pergunta, se não sintetiza todas as preocupações básicas que me levaram a tomar a iniciativa de propor uma nova pesquisa no doutoramento, orienta de forma direta um trabalho que deva discutir sobre o papel do educador e o que ele pode vir a criar como Tutor em aulas e atendimentos individualizados na tentativa de dotar o educando de um incentivo ao saber, em qualquer que seja sua formação futura.

É investigando a prática do professor tutor historicamente que creio ser possível identificar elementos da relação ensino-aprendizagem fundamentais à formação do aluno. Descobrimos quais os limites entre o individual e o coletivo e seus resultados na ação pedagógica.

Retomando meus estudos sobre as questões da Interdisciplinaridade, com a leitura dos textos produzidos por outros pesquisadores e numa busca por elementos bibliográficos que me auxiliassem na problemática básica de minha pesquisa, questionei-me a partir de GUSDORF(1976, p.36): *"a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para colher as contribuições das outras disciplinas"*.

Percebi que outros pesquisadores da Interdisciplinaridade viam na retomada da polivalência do saber uma possibilidade como em SANTOMÉ(1998, p.22): *"Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais freqüentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade."*

Voltando aos textos de FAZENDA, LENOIR, PINEAU, entre outros, encontrei a definição de uma ação interdisciplinar com a qual compactuo. Não há dúvida que muito já foi discutido sobre a fragmentação do saber, sobre as possibilidades da Interdisciplinaridade e da Transdisciplinaridade em superá-la, mas há pouca referência sobre estas questões e o ensino particularizado.

Tratar da Tutoria de ensino remonta ao estudo da formação das relações entre mestres e aprendizes e viaja no tempo às origens da escola, aos mestres gregos, aos sábios renascentistas e ao hábito da realeza de preparar, via ensino individualizado, seus representantes e herdeiros.

Os problemas com a escola envolvem não só o estudante, de modo direto, como, na maioria das vezes, seus familiares. A preocupação com a formação, com o futuro, com a profissionalização e com a manutenção da qualidade de vida leva cada vez mais os pais a se questionarem sobre qual a melhor escola para seus filhos. A possibilidade de fracasso durante a trajetória do estudante ainda é bastante associada à possibilidade de fracasso na vida profissional futura destes embora ALVES e DIMENSTEIN (2003) nos mostrem suas visões diferenciadas sobre a questão.

Tentar trazer para a escola uma nova postura do professor que permita um momento de discussão sobre ela mesma e sobre seus elementos poderá minimizar os efeitos que o caráter disciplinar cria, ao mesmo tempo que promove a discussão sobre o conhecimento.

Estamos falando da possibilidade de começar um trabalho que transforma o estudante num pesquisador interdisciplinar antes de sua trajetória universitária. Uma tentativa de resolver o suposto “fracasso” dissolvendo-o na descoberta de aptidões, na percepção de posturas e no compartilhamento de dúvidas, típicas do cotidiano do professor-tutor.

Mesmo que então se proponha estudar quais os elementos e características de uma ação pedagógica individualizada nutrida pela linha da Interdisciplinaridade e que tornam a atividade do ensinar e aprender um momento feliz e capaz de legitimar a importância do ser intuitivo, temos que nos preocupar especificamente com a formação do professor.

O desafio de implementar um trabalho interdisciplinar ocorre desde a pré-escola aos cursos de Pós-Graduação. Especificamente como não há uma habilitação em Interdisciplinaridade como graduação, são os profissionais que se descobrem interdisciplinares por suas práticas que se dispõem a trabalhar nesse paradigma e que se tornariam assim aptos à tutoria.

Muitas vezes, professores, orientadores, pedagogos e afins não têm uma real dimensão de sua capacidade de intervenção no universo de pesquisa e ação com seu próprio trabalho; a especificidade acanha a vontade de manifestação sobre diferentes áreas do saber, ensinar e aprender. A relevância de um trabalho como este seria grande: poderia dar a esses sujeitos uma possibilidade de ensino bastante diferenciada.

Formado em Arquitetura e Urbanismo, após uma certa indecisão entre tantas carreiras interessantes a aprofundar, percebi que conseguiria nesta graduação juntar o maior número de ramos do conhecimento para os quais tinha afinidades e interesses. O trabalho paralelo com jovens em caráter de professor particular mostrou-me que não havia barreiras para o conhecimento e que não havia limites entre disciplinas, apenas uma vontade e uma predisposição ao conhecer, cada vez mais em diferentes áreas. Foi assim que me especializei no estudo da arquitetura hoteleira, do design de interiores, e em tantos outros assuntos aparentemente distantes da Pedagogia. Com certeza foi essa postura que impediu minha inserção nas preconcepções do ensino sobre ele mesmo. Foi essa liberdade de atuar como professor sem disciplina específica que me deu segurança e vontade para tratar de temas tão variados junto a meus alunos quanto as questões da Cinemática, Álgebra ou Química, no caso dos jovens em formação do Ensino Médio; como as discussões sobre a Semiótica, as Políticas neoliberais e até mesmo sobre a Medicina Estética, temas estes trazidos a mim por universitários que necessitavam de algum tipo de ajuda na compreensão da relevância dos fatos a eles apresentados em seus estudos.

Senti e ainda sinto, no meu significativo universo de atuação, uma desvalorização da capacidade intuitiva do aluno frente o saber, como se não lhes fosse permitido refletir, pensar, concluir para além de sua posição.

Minha recente passagem, como aluno, pelo curso de Graduação na Licenciatura de Matemática foi bastante importante para perceber que nada parecia haver mudado na formação do professor especialista em décadas, que uma mudança na formação do jovem necessita, o quanto antes possível, de uma mudança na formação da postura do professor.

A questão do pesquisador múltiplo (seja ele aluno ou professor), ou do ser que se dispõe a conhecer um pouco mais sobre o todo já tinha sido levantada por MATOS (apud FAZENDA,1995,

p.165) quando se discute sobre a categoria do “erudito interdisciplinar”.

“o erudito (Interdisciplinar) é o ser que entende, antes de qualquer coisa, a estrutura do conhecimento; que compreende a forma como este se constrói, que pode gerar conhecimento novo e, primordialmente, como sempre, extrai prazer deste conhecimento. Portanto, mais do que apenas da cultura (restritamente entendida) este erudito entende e trabalha dentro da Ciência e da Arte com a mesma facilidade. Preconcepções sobre a necessidade da especialização do ser humano (...) não são barreiras que impeçam o erudito de pesquisar. Este erudito moderno (ou pós-moderno) está livre das vinculações de classe a que estava atado o erudito clássico, no sentido de que a informação que ele usa para sua erudição pode vir de qualquer lugar e a qualquer hora, desligada dos controles sociais e econômicos a que o conhecimento está vinculado.”

Neste texto, o erudito interdisciplinar é definido como um ser capaz de trabalhar dentro de diferentes Ciências mesmo que envolto nas concepções que apontam a especialização como necessidade fundamental do pesquisador.

O pesquisador dentro da erudição interdisciplinar é levado a abarcar um grande número de processos e linhas metodológicas pelo simples fato de que, para ele, nenhuma é verdadeira o suficiente no descrever e refletir da realidade.

Essa possibilidade de caminhos é de certo ponto de vista perigosa já que dá uma grande liberdade de ação ao pesquisador, mas, cria também uma grande responsabilidade sobre construção das categorias dentro das quais a legitimidade e a valoração da pesquisa vão ser dadas.

Minha intenção em trazer a este artigo a discussão sobre a questão do ensino tutorial, tema de minha pesquisa, é centrada no estudo da possibilidade de uma vivência interdisciplinar como caminho para a retomada, seja na escola, ou fora dela, do conceito de conhecimento globalizado, intuitivo, versátil, capaz de permitir, com fundamento, trocas e compartilhamento de conhecimentos e experiências de modo mais natural entre todas as pessoas, independente de sua especialização profissional.

Quase todos nós passamos pela experiência do ensino individualizado ou melhor, da aula particular, tanto como mestres ou aprendizes. A valorização dessa atividade dentro dos estudos Inter e Transdisciplinares pode nos levar a uma nova ordem de reflexões importantes na pesquisa educacional.

Referências bibliográficas

- ALVES, R.; DIMENSTEIN, G. “Fomos maus alunos”. São Paulo: Editora Papirus, 2003 .
- COLL, César. “Atenção à diversidade e qualidade do ensino”. Revista do Centro de Educação - Cadernos de Educação Especial- Edição 2003- Nº 22
- FAZENDA, Ivani. “A Academia Vai à Escola”; org.; Campinas : Papirus, 1995.
- _____ “A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento”; org. ;Campinas : 1995.
- _____ “A questão da interdisciplinaridade no ensino”, in “Educação e Sociedade”, n.27, Campinas, Ed. Cortez, 1987.
- _____ “Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa”; Campinas : Papirus, 1994.
- _____ “Interdisciplinaridade: Um Projeto em Parceria”; São Paulo : Loyola, 1991.
- _____ “Metodologia da Pesquisa Educacional”; org.; São Paulo : Cortez, 1990.
- _____ “Novos Enfoques da Pesquisa Educacional”; org.; São Paulo : Cortez, 1992.
- _____ “Práticas Interdisciplinares na Escola”; org.; São Paulo : Cortez, 1991.
- GUSDORF, G. “ A fala”. Porto, Ed. Despertar, 1970.
- _____ Prefácio. In: JAPIASSU, Hilton. “Interdisciplinaridade e patologia do saber” . Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ “Les sces de l’homme sont-elles des sciences humaines?” Strasbourg: Université de Strasbourg, Faculté des lettres, 1967.
- JAPIASSU, Hilton. “As Paixões da Ciência”; São Paulo : Letras e Letras, 1991.
- KLEIN, J. “Interdisciplinarity: History, theory , and practice.” Detroit, Mi: Wayne State University Press, 1990.
- LENOIR, Y.; SAUVE, L. “Interdisciplinarité et formation”, numero thematique de la revue des Sciences de l’education, vol. XXIV, no. 1, 1998.
- _____ et al. “Les fondements de L’interdisciplinarité dans la formation à L’enseignement.” Canadá, Editions du CRP/UNESCO, 2001.
- LYOTARD, Jean – François. “O Pós – Moderno”; Rio de Janeiro : José Olympio, 1990.
- MATOS, Ricardo “O sentido da práxis no ensino de Artes Visuais : uma investigação interdisciplinar”. Tese de doutorado. PUC- SP, 2003.
- NÓVOA, A. “Formação de professores e profissão docente” . In: A . Nóvoa (org.) “os professores e a sua formação”. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PINEAU, G. et al. “Educação e Transdisciplinaridade”. Brasília, UNESCO, 2000.
- RICOEUR, Paul. “Interpretação e Ideologias”; Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1988.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. “Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.” Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- VILCHES, Manolo. “A arquitetura dos saberes: a interdisciplinaridade na aula particular”. Tese de mestrado, PUC-SP, 1993.